

COLCHA DE RETALHOS: HUMANIDADES DIGITAIS E INTERCULTURALIDADE NO APRENDIZADO DE LÍNGUAS

Thiago Augusto Narikawa¹
Olira Saraiva Rodrigues²

RESUMO: Neste artigo, objetivamos refletir de maneira científica e poética as Humanidades Digitais e os processos de interculturalidade no aprendizado de línguas. Perpassamos os pensamentos de grandes teóricos, tanto do processo de globalização, quanto os de interculturalidade, transdisciplinaridade e os de Humanidades Digitais. Para tanto, fundamentamos as nossas discussões em autores como Renan Castro (2019), Marco André Franco de Araújo e Francisco José Quaresma de Figueiredo (2015), Zygmunt Bauman (2001), Daniel Alves (2016) e outros. Utilizamos como método de escrita a poética da costura da colcha de retalhos e, através dela, definições, pensamentos e conhecimento são compartilhados e adquiridos. Deste modo, a compreensão do processo de interculturalidade e das Humanidades Digitais se tornaram ao mesmo tempo, mais leves e ilustram a ideia de incluir, agregar e produzir conhecimento a partir de diferentes formas.

Palavras-chave: Humanidades Digitais; Interculturalidade; Aprendizado de línguas.

RETALHOS, LINHA, CONHECIMENTO

Conhecimento
Não utiliza cimento
Porque é movimento
Por entendimento, discernimento
(RODRIGUES, 2021).

Ao longo dos séculos, a humanidade tem buscado novas formas de pensar e adaptar-se para compreender o mundo, aprender e ensinar. Desde os gregos até a atualidade, muito se modificou. Todavia, patente ressaltar a importância que tiveram no desenvolver das artes, educação e filosofia. Escrever sobre os processos de aprendizado de línguas trazendo para nós as Humanidades Digitais é, antes de qualquer coisa, um repensar de conceitos e definições,

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG). Especialização em Docência Universitária (UEG). Graduação em Letras (UVA). Graduação em Relações Internacionais (PUC-GO). Goiânia, Goiás, Brasil – augustonka@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Pós-doutorado pelo Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Portugal (FLUP). Pós-doutorado em Estudos Culturais pela Faculdade de Letras (UFRJ). Doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG). Mestrado em Educação (PUC-Goiás). Graduação em Letras (UEG). Anápolis, Goiás, Brasil – olira.rodrigues@ueg.br.

alinhavar de maneira muito segura, mas também com a delicadeza de quem junta os pedaços de retalhos que, muitas vezes, estão separados por processos que dependem de algo ou alguém para uni-los, dar forma, organizar.

A linha que costura os tecidos e tessituras é a mesma que organiza os processos históricos que constitui conceitos, métodos e processos de aprendizagem. É preciso separar os retalhos do aprendizado das línguas para que, posteriormente, possamos embebê-los. Aquilo que distancia também aproxima cores, contrastes, definições e pensadores. O aprender nada mais é que uma grande colcha de retalhos que vamos construindo ao longo da vida. Alguns o fazem de maneira mais colorida, amena, humanizada, outros, contudo, de maneira mais monocromática, com pontos mais fortes e que não permitem que as diferenças façam parte da pluralidade do tecido chamado vida.

A colcha que iremos produzir ao longo do texto é simples, mas também complexa, permeada pelo conhecimento científico, mas também com a leveza poética dos traços, formas, tessituras e definições que direcionam o trabalho. Tal contraste não diminui a importância, pelo contrário, agrega.

Os gregos inventaram o método pedagógico da sociedade ocidental, trouxeram inúmeros benefícios para o conceito de educação tal como conhecemos. Agostinho de Hipona e São Tomás de Aquino provocaram um grande repensar e impulsionamento da pedagogia através da escolástica na Idade Média, Comenius com a Didática Magna, traz novos olhares sobre o processo, Rousseau e o ser sensível de Emílio reorganiza a didática do aprendizado, pensando no processo e no cuidado que devemos ter com as crianças. Freire, Vygotsky, Piaget, e tantos outros, irão moldar, recortar e separar as partes que usaremos para produzir a colcha de retalhos a partir do que já existia, o novo que é alinhavado ao antigo, trechos, pedaços, conhecimento.

Na compreensão das Humanidades Digitais, analisaremos quais implicações e importâncias que essa definição tem no processo de confecção das colchas de retalhos, que aqui denominamos como a interculturalidade do processo de aprendizado de línguas. Ao findar desse processo, pretendemos alinhavar o conceito de interculturalidade do aprendizado em si, partindo do pressuposto da globalização e fluidez da Modernidade Líquida de Zigmund Bauman (2001).

Ao finalizarmos a confecção desta colcha, esperamos que os retalhos, as costuras, os arremates estejam bem alinhados, que os pontos possam estar bem feitos, para que o conjunto final seja de fato um belo exemplar, não somente pela perspectiva científica, mas que possa, de

alguma forma, afetar quem ler e, juntamente conosco, construir novas colchas, novos recortes, novas perspectivas.

TECIDOS E FEITIOS

Processos de aculturação
 Na contemporaneidade
 Envolvem ciências, conhecimentos
 Sucedendo novos comportamentos
 Na desenvoltura
 Da cibercultura
 (RODRIGUES, 2021).

O fio de tecido que rege o conceito de Humanidades Digitais é, em última instância, um emaranhado e complexo conjunto de ideias, pensamentos e conceitos que ainda não estão prontos, mas que, assim como a colcha, vem sendo costurado ao longo dos últimos anos, ponto a ponto, ora precisa refilar, ora desfazer os pontos. Mas há de entendermos que o processo é contínuo, linear, chuleado para que não desfie, tomando forma cada vez mais nítida, tomando seu espaço e reforçando os pontos frouxos.

É preciso costurar os retalhos de definição para compreendermos o todo. Segundo Cuddon, as Humanidades Digitais podem ser entendidas como

Um amplo campo multidisciplinar dedicado a entender a intersecção entre a tecnologia da informação e as humanidades tradicionais. As áreas cobertas incluem a digitalização de textos e o uso de computadores como ferramentas para linguística e análise de texto, apesar de que seu escopo em potencial é considerado mais vasto entre seus praticantes (2013, p. 204, apud OLIVEIRA e MARTINS, 2017, p. 11).

Para Santaella (2021, p. 4), as Humanidades Digitais significam, em última instância, a convergência das mídias, disciplinas humanas, bem como ciências, tecnologias e as artes. Para ela, é preciso pensar global, dividir o conhecimento nas mais variáveis formas e, a partir disso, fazer do conhecimento específico, algo multidisciplinar.

Portanto, é preciso compreender que as Humanidades Digitais apresentam, em última análise, um estudo relativo aos meios digitais e humanos. Assim, algo que é tratado por muitos como um processo antagônico, na visão desta teoria, é algo que se complementa, organiza e conjuga de um mesmo pensamento.

Tal como defende Castro (2019), o conceito das Humanidades Digitais ainda está sendo delineado, construído, costurado. Nada é sólido, tudo é fluido, mas repleto de signos e significados multiculturais, transversais e multidisciplinares. É preciso, por vezes, fazer um

remendo nesse contexto. Ao costurarmos os conceitos, precisamos entender que a colcha de retalhos também conta uma história, história esta que ao pensar o agora, o antes um pouco já é passado e o que surgir, futuro.

O conceito ganha força na mesma proporção das novas tecnologias. O caseado à mão dá espaço ao bordado computadorizado, mas se tratando de Humanidades Digitais, mesmo que o bordado seja computadorizado, há elementos manuais que o torna diferenciado, envolto em significados que estão além, ao mesmo tempo que está à vista.

Para Gardier e Musto, é preciso nos atentarmos para uma diferença muito importante na maneira pela qual

Os acessos digitais preservam, agregam e desagregam, apresentam, privilegiam e refletem de volta a erudição que pode deixar categorias antigas para trás e mudar a maneira como até os humanistas pensam, pesquisam, escrevem, publicam e interagem com suas próprias comunidades (2015, apud CASTRO, 2019, p. 30).

A complexidade conceitual das Humanidades Digitais também se dá em parte pela rapidez e quantidade de informações que temos acesso na Modernidade Líquida. Patente lembrar o que defende Bauman (2001), ao dizer que vivemos em um tempo que temos muita informação e pouco conhecimento.

A velocidade com que a informação chega não é a mesma que a sociedade consegue processá-la, compreendê-la e organizar de maneira devidamente satisfatória. Essa pluralidade trouxe novos desafios e um emaranhado de linhas de cores nem sempre convergentes, mas que na beleza do conceito includente das Humanidades Digitais faz com que o plural seja apenas um retalho a mais para ornamentar a confecção da colcha e dos saberes.

Alves, exemplifica tão bem esse pluralismo ao formular uma definição partindo do livro da professora Susan Hockey, ao defender que

As definições de Humanidades Digitais, como as de qualquer outra área, campo ou conceito que esteja a afirmar-se, são muitas, nem sempre consensuais, estando disponíveis para todos os gostos. Susan Hockey, professora da área das Ciências da Informação na *University College London*, no referido livro de 2004, refere que as Humanidades Digitais são uma área acadêmica interdisciplinar que fornece metodologias específicas da área das tecnologias digitais para serem incorporadas na investigação nas Humanidades como um todo. Vivenciamos um momento histórico em que os extremos tomam conta do processo (2016. p. 91).

Assim como Alves, Hobsbawm (1995), em seu célebre livro a Era dos Extremos corrobora com este conceito. Vivenciamos um momento de extremos nem sempre convergentes, tanto na política quanto na academia, nos ideais e nos contextos. Ao tentarmos costurar de maneira mais firme tais definições, podemos dar forma divergente daquilo que é o esperado, assim, é patente lembrar que um processo tão imbricado de vertentes, traz em si o acolher novos conceitos, agregar, costurar os retalhos, não excluir. Assim como o texto científico não exclui o poético, nas

Humanidades Digitais não exclui o divergente, pelo contrário, tenta-se construir novos olhares, vertentes e conceitos através da inclusão.

Tal como a colcha que é confeccionada com o devido cuidado e afeto, nesse processo o olhar para o outro e a busca de novos prismas tornam o processo mais humano, mais contextualizado e, mesmo vivenciando o tempo da tecnologia, a perspectiva e o contexto das humanidades não podem ser excluídos. Partes que dão forma ao todo e é por meio dessas partes, tessituras e costuras que a confecção da obra vai tomando forma, nada é definitivo.

RETALHOS, COSTURA, REFILADOS

Léxicos e ícones em vetores de devir,
Espaços singulares com arfantes do porvir,
Modus operandi no entremeio das pulsões,
Como lugares de confrontos e tensões,
Em redes semânticas de conexões
(RODRIGUES, 2019).

Separado o tecido e os feitos, é necessário compreender os retalhos, o tipo de costura e os refilados que irão compor a confecção da colcha, moldar, dar forma. A nossa colcha é composta por quadrados que são formados a partir da confecção das definições, das vozes, das lembranças e dos autores que ao longo do tempo construíram seus recortes e que, ao longo da nossa escrita, tentaremos organizar os bordados que cada um produziu para construir um todo dentro da perspectiva.

Ao falarmos em Humanidades Digitais e a interculturalidade no aprendizado de línguas estrangeiras, não podemos esquecer de costurar um outro termo, termo este que configura uma grande transformação no modo de agir e pensar, principalmente posteriormente a década de 1950 até a atualidade; a globalização.

Dar forma a definição de globalização não é algo fácil e muito menos simplista. Nas Relações Internacionais, por exemplo, alguns estudiosos irão remontar aos tempos antigos, outros, a partir das grandes navegações e tantos outros, a partir da Revolução Industrial, e altamente acelerado no século 20, principalmente pelo surgimento de novas tecnologias, tais como: o avião, o computador, a Internet, fazendo com que aproximações e distanciamentos ocorram de maneira muito rápida, extremamente fluida. Sem dúvida alguma, o século passado foi um século de grandes transformações, que impactaram, modificaram e fizeram com que tudo que era sólido desaparecesse, tal como afirma Bauman (2001).

Houve aproximações e distanciamentos, aumentaram-se as distâncias físicas, diminuíram as digitais. As fronteiras que antes eram algo físico, real em nossas cabeças, foram desaparecendo de maneira virtual à medida que a Internet tornou-se mais rápida. Para Bauman,

Fazendo uma retrospectiva histórica, podemos nos perguntar em que medida os fatores geográficos, as fronteiras naturais e artificiais dos territórios, as distintas identidades das populações e *Kulturkreise* [círculos culturais], assim como a distinção entre “dentro” e “fora” – tudo tradicionalmente objeto da ciência geográfica – foram no essencial meros derivativos conceituais, sedimentos/artifícios materiais de “limites de velocidade” ou, de forma mais geral, das restrições de tempo e custo impostas à liberdade de movimento. [...] As distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no “mundo real”. Parece claro de repente que as divisões dos continentes e do globo como um todo foram função das distâncias, outrora impositivamente reais devido aos transportes primitivos e às dificuldades de viagem (2001. p. 18).

Nesse mundo real citado por Bauman (2001), novas costuras começam a ser feitas. Povos, definições e, principalmente, culturas começaram a ser compartilhadas. A colcha já não é mais um pedaço isolado de um lugar, de uma cultura, começamos a compartilhar, independentemente de nossas vontades, ideais, pensamentos e, até mesmo, línguas. Começamos a formar uma colcha multicultural, cheia de novas nuances, retalhos de outras culturas, perfilados de maneira que todo o processo pode parecer orgânico, mas não é.

Grande parte das pessoas ainda está isolada do processo. Por mais que haja uma “democratização” do aprendizado, será que todas as pessoas que querem podem aprender uma nova língua, viajar para um outro país, ter acesso a tecnologias que possibilitem o aprendizado através dos processos digitais de letramento?

Independentemente de nossos anseios, o mundo chegou até nós, tal como Bauman (2001) e Ortiz (2003) afirmam. É um caminho que não há volta, uma costura que dificilmente pode ser desfeita. Os nós, os arremates estão costurados de uma maneira tão complexa e imbricada que nos faz refletir o papel da colcha, de quem a construiu e para qual propósito. Ortiz vai além ao afirmar que:

Na virada do século, percebemos que os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades. Somos cidadãos do mundo, mas não no sentido cosmopolita, de viagem. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano (2003, p. 3).

As dobras do tecido que antes eram os limites territoriais, atualmente são o que Chomsky (1998) defende de insinuações de definição. As metodologias pedagógicas uniformes e fixas estão dando espaço para as transdisciplinaridades, interculturais, transculturação e outros retalhos que formam essa colcha tão complexa denominada como aldeia global, termo criado e difundido por McLuhan em 1959 em seu famoso livro *A Galáxia de Gutenberg*.

É nesses alinhavos, dobras de tecido que o embeber da confecção vai se organizando. A interculturalização no processo de línguas estrangeiras vai tomando a forma que definirá os desenhos que irão sobrepor a colcha e darão a forma a qual a costura vai delimitando.

É notória a transformação dos meios pelos quais o ensino se faz presente, principalmente a partir do começo do século 20 no que diz respeito às novas tecnologias. O novo que muitas vezes encanta, também é o mesmo que traz tantas inseguranças e medos. Nas décadas passadas, as pessoas tinham que ir até as bibliotecas públicas ou procurar quem sabia sobre o assunto para fazer suas pesquisas. Atualmente tudo está ao alcance das mãos.

O aprendizado institucionalizado e tradicional já não é mais campo exclusivo do aprendizado de línguas. Muitos aprendem através de jogos, vídeos, plataformas e outros tipos de aprendizado não institucionalizados. Esse mundo que bate à nossa porta e que não pede licença para entrar como afirma Ortiz (2003) é, de fato, algo que está modificando horizontes.

Hoje os retalhos já não são somente pedaços de panos-conhecimentos soltos e aleatórios, existe uma significância que dá ao todo um contexto muito mais amplo que o signo a que se refere. A cultura, que por muito tempo não foi levada em consideração, agora se faz presente nos processos de interculturalidade nos processos de aprendizado de línguas.

Para tanto, é necessário compreendermos a definição de interculturalidade para que possamos construir uma costura mais organizada. Para Figueredo:

A comunicação intercultural está, portanto, relacionada à ideia de identidade e interação. O falante intercultural é, portanto, alguém que, por estar consciente de sua própria identidade e cultura, é capaz de estabelecer relações entre culturas e mediar através de diferenças culturais, as explicando, as entendendo e as valorizando (2010, p. 16).

Para Araújo e Figueredo, é preciso compreender que:

(...) aprender uma língua estrangeira envolve muito mais do que aprender regras e vocabulário. Em uma perspectiva intercultural, podemos construir pontes que levem o mundo para dentro da sala de aula. Nessa perspectiva, o professor pode se valer de uma vastidão de atividades que leve os seus alunos a se posicionarem diante da cultura de outros povos, de costumes, crenças e valores que são diferentes dos seus (ARAÚJO e FIGUEREDO, 2015, p.73).

É dentro dessa perspectiva que os retalhos tomam forma, constroem ligações que no alinhavo começam a ressignificar os termos, as definições, as tessituras. Ao compreender a cultura do outro, seu espaço e a sua história, o indivíduo passa a ser agente da construção do seu conhecimento e não apenas como reprodutor do que lhe foi passado.

Da mesma forma, é preciso repensar as metodologias de ensino. Ao compreender que as pessoas podem, independentemente de qual espaço que estão adquirir conhecimento, o processo torna-se plural e, com isso, muito mais enriquecedor. Vale ressaltar que em momento

algum no processo de construção dessa colcha estamos desconsiderando o espaço formal de aula como de extrema importância para o aprendizado. Apenas discute-se as várias outras possibilidades de construção de conhecimento e o próprio conhecimento em si.

Tal como afirmam Scheyerl, Barros e Santo (2014), tal processo ultrapassa a compreensão estrutural da língua e, a partir do contexto intercultural, entende-se que a construção dos diálogos entre os sujeitos, as perspectivas que são estabelecidas e as contexturas são de extrema importância para que possamos compreender tais sistemas.

O conhecimento não está mais atrelado ao banco e a escola tradicional, mas ao todo, ao global. A mundialização da cultura e a globalização faz com que compreendamos que o mundo está em nós e nós estamos no mundo em momentos de aproximações e distanciamentos, ora maior, outras menores.

Neste sentido é que precisamos repensar os métodos e metodologias que utilizaremos na formação integral do indivíduo. Para Scheyerl, Barros e Santo (2014, p. 155), ao citarem Mendes (2008), essa formação deve levar o indivíduo a ter uma consciência reflexiva que promova a “consolidação de valores e de identidade cultural, para que os sujeitos possam desenvolver “competências para ser e agir de modo crítico, autônomo e criativo”” (MENDES, 2008, p. 59).

É na pedagogia da construção do saber de Walsh (2019) que se encontra as vozes, os discursos, os gritos que reverberam as necessidades do outro perante o que se tem como estabelecido. Nas Humanidades Digitais, a contextualização é a do humanizar para aprender, na compreensão de que a tecnologia não é antagônica ao humano, pelo contrário, é convergente, tal como são convergentes várias vozes, ideologias e discursos.

O ser humano pode aprender de várias formas, tanto de maneira tradicional, quanto transdisciplinar, de uma forma específica ao todo, ou de uma forma específica a ele. São saberes múltiplos, alinhavados a outros por pontos não tão fortes, mas que fazem da pluralidade algo maior, mais ampla e, em última instância; humana.

Assim como defendem Sant’Ana, Suanno e Sabota (2017), as tecnologias digitais de informação e comunicação, ou também chamadas TDICs, não são novidade. Equipamentos, computadores e recursos digitais já estavam presentes em salas de aula desde o século passado. Tal como os autores explanam ao longo do artigo, as Humanidades Digitais também se preocupam mais na formação integral do ser que na educação bancária. É preciso repensar os contextos transdisciplinares, a cultura do outro e suas singularidades para que possamos compreender os entrelaçados dos processos de maneira mais orgânica e mais humanizada.

Na Modernidade Líquida e fluida, cada pessoa irá aprender de uma maneira. Cada caso é um estudo individual dentro de um prospecto coletivo e o aprendizado de línguas não foge a esse enlace. Há muitas formas que os processos tecnológicos trazem e fazem com que o aprendizado se torne mais fácil, mais acessível e mais democrático.

Fato é que não podemos afirmar o que é mais certo ou mais errado, que a tecnologia é ruim ou irá tirar ocupar o espaço dos professores ou tantas formulações que surgem todos os dias. Mais importante que isso, ao menos nesta colcha de retalhos, é compreender que há diferentes contextos de aprendizado. O que não pode faltar é a vontade de aprender, um ambiente que possibilite o aprendizado, acesso à Internet e aos dispositivos tecnológicos que facilitem e possibilitem tal aprendizado e adequação do método e metodologias para o real aprendizado e a formação integral do indivíduo, respeitando suas particularidades, suas verdades, seus contextos e as suas histórias.

É partindo da primícia do respeito e das singularidades que o aprendizado, não somente o de línguas, mas no contexto geral é que trará grandes transformações nos contextos em que estão inseridos. As Humanidades Digitais surgem como uma base, não somente teórica, haja vista que ela também está em construção, mas humanística para as novas formas de aprender a aprender. A tecnologia não exclui o humano e este não exclui a primeira. Tudo é parte de algo maior, complexo e convergente.

TEARES EM MOVIMENTO

Confecciono palavras em dobras
Relações rasgadas tecidas
Estilos (re)toques forrados
Alinhavos afagos de provas
(RODRIGUES, 2021).

O conhecimento não está mais atrelado ao banco e a escola tradicional, mas ao todo, ao global. A mundialização da cultura e a globalização faz com que compreendamos que o mundo está em nós e nós estamos no mundo em momentos de aproximações e distanciamentos, ora maior, outras menores.

Neste sentido é que precisamos repensar os métodos e metodologias que utilizaremos na formação integral do indivíduo. Para Scheyerl, Barros e Santo (2014, p. 155), ao citarem Mendes (2008), essa formação deve levar o indivíduo a ter uma consciência reflexiva que promova a “consolidação de valores e de identidade cultural, para que os sujeitos possam

desenvolver “competências para ser e agir de modo crítico, autônomo e criativo” (MENDES, 2008, p. 59).

É na pedagogia da construção do saber de Walsh (2019) que se encontra as vozes, os discursos, os gritos que reverberam as necessidades do outro perante o que se tem como estabelecido. Nas Humanidades Digitais, a contextualização é a do humanizar para aprender, na compreensão de que a tecnologia não é antagônica ao humano, pelo contrário, é convergente, tal como são convergentes várias vozes, ideologias e discursos.

O ser humano pode aprender de várias formas, tanto de maneira tradicional, quanto transdisciplinar, de uma forma específica ao todo, ou de uma forma específica a ele. São saberes múltiplos, alinhavados a outros por pontos não tão fortes, mas que fazem da pluralidade algo maior, mais ampla e, em última instância; humana.

Assim como defendem Sant’Ana, Suanno e Sabota (2017), as tecnologias digitais de informação e comunicação, ou também chamadas TDICs, não são novidade. Equipamentos, computadores e recursos digitais já estavam presentes em salas de aula desde o século passado. Tal como os autores explanam ao longo do artigo, as Humanidades Digitais também se preocupam mais na formação integral do ser que na educação bancária. É preciso repensar os contextos transdisciplinares, a cultura do outro e suas singularidades para que possamos compreender os entrelaçados dos processos de maneira mais orgânica e mais humanizada.

Na Modernidade Líquida e fluida, cada pessoa irá aprender de uma maneira. Cada caso é um estudo individual dentro de um prospecto coletivo e o aprendizado de línguas não foge a esse enlace. Há muitas formas que os processos tecnológicos trazem e fazem com que o aprendizado se torne mais fácil, mais acessível e mais democrático.

Fato é que não podemos afirmar o que é mais certo ou mais errado, que a tecnologia é ruim ou irá tirar ocupar o espaço dos professores ou tantas formulações que surgem todos os dias. Mais importante que isso, ao menos nesta colcha de retalhos, é compreender que há diferentes contextos de aprendizado. O que não pode faltar é a vontade de aprender, um ambiente que possibilite o aprendizado, acesso à Internet e aos dispositivos tecnológicos que facilitem e possibilitem tal aprendizado e adequação do método e metodologias para o real aprendizado e a formação integral do indivíduo, respeitando suas particularidades, suas verdades, seus contextos e as suas histórias. É partindo da primícia do respeito e das singularidades que o aprendizado, não somente o de línguas, mas no contexto geral é que trará grandes transformações nos contextos em que estão inseridos. As Humanidades Digitais surgem como uma base, não somente teórica, haja vista que ela também está em construção,

mas humanística para as novas formas de aprender a aprender. A tecnologia não exclui o humano e este não exclui a primeira. Tudo é parte de algo maior, complexo e convergente.

ARREMATES E A COLCHA DE RETALHOS

(Entre)textos de artesãos
 Urdiduras (convi)vidas
 Contexturas (entre)tecidas
 Eis a arte do viver!
 (RODRIGUES, 2021)

Ao começarmos a refletir sobre as Humanidades Digitais e os processos de aprendizado de línguas, segundo essa perspectiva, tivemos que cortar os retalhos, separar as histórias que comporiam a colcha de retalhos que tentamos construir ao longo do processo. Não é fácil embeber os retalhos de definições, sentidos e contextos que tantos autores defendem e estudam de forma que por mais que os tamanhos sejam diferentes, possam em algum momento ficar do mesmo tamanho para que a costura possa ser linear.

Alinhar os processos interculturais que codificam e constroem essas novas formas de ensino e aprendizagem fazem com que pensemos fora dos limites da colcha e, muitas vezes, dos limites da formação padrão instituída. Nem sempre os recortes combinam em cor, tamanho e forma. Quantas vezes dentro da própria academia não somos (re)cortados, (re)moldados, silenciados e desqualificados por pensarmos diferentemente daquilo que está instituído como a forma dita perfeita, o ponto certo, a colcha tal como deve ser.

Há tantos discursos de convergência no aprendizado, mas são tantas ações divergentes que a colcha que deveria ser de simetria orgânica, muitas vezes acaba como vários fragmentos sem sentido e disformes, pedaços costurados sem forma, sem beleza, sem verdade.

A Humanidade Digital, como um conceito em construção, também é libertária. Traz novos olhares, aprendizados e formas de compreender o mundo e a cultura do mundo digital, mas sem desconsiderar o humano. Revolucionaria não pela novidade do conceito, mas pelas tessituras dos contextos.

É preciso aprender a organizar os retalhos de maneira simétrica e orgânica, mas sobretudo, respeitar a particularidade de cada qual que aprende. A transdisciplinaridade, interculturalidade e tantas outras definições que surgem para ajudar a entender as novas formas de aprendizado no sistema globalizado e da Modernidade Líquida de Bauman, faz-no repensar tantos textos, contextos, não somente de aprender, mas também de aprender a aprender e aprender a ensinar.

Que os retalhos tomem forma da mais alta tecnologia, mas que tenha os feitos singulares aos feitos à mão. Que a tecnologia não seja inimiga, mas parceira no aprendizado, que a democratização das novas formas de conhecimento e aprendizado de línguas possibilitem que a formação integral seja, de fato, não somente um processo conteudista, mas, sobretudo, de respeito aos limites, singularidades, cultura e história de cada ser humano que esteja no processo.

Ao costurarmos os pedaços da colcha, a cada ponto nos vem um autor, em cada pedaço uma definição diferente que agrega valor, estabelece forma à costura e embeleza o resultado final. Que possamos aquecer o conhecimento com colchas cada vez mais permeadas de novos olhares, não sobre algo que ainda não aconteceu, mas sobre o que já está e que muitas vezes é desprezado por não parecer “inédito”, como tantas vezes é defendido na academia.

Que as Humanidades Digitais possam abrir novos caminhos, não somente no aprendizado das línguas, mas na forma de pensar de muitos. Humanizar é preciso, assim como ser pequeno para ser grande. Talvez no momento em que compreendermos que é nas singularidades é que estão os complementos, nossa colcha de retalhos se torne algo realmente bela, linear e que as histórias de quem a costurou, os conceitos que alinhavaram, os feitos que direcionaram o caminho, possam dar a forma do todo, reconhecendo que ao findar, tudo o que é parte, seja um todo, como um patchwork digital do processo de humanização no aprendizado de línguas do tecido social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniel. As Humanidades Digitais como uma comunidade dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. **Ler história**, n. 69, p. 91-103, mar./set.2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2496>. Acesso em 13 mai. 2021.

ARAÚJO, Marco André Franco de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Cultura, interculturalidade e sala de aula de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. **REVELLI**, Inhumas, v. 7, n.1, p. 63-76. Jun. 2015. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/3502>. Acesso em: 5 jul. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. (trad.) Lucia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CASTRO, Renan. As Humanidades Digitais além de uma abordagem previsível: um delineamento de um conceito em construção. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 27-39, maio 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4566>. Acesso em: 17 mai. 2021.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Language learning in an immersion context: The points of view of the participants in the CAPES/FIPSE Program. In: CAMPOS, M. C. P.; FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Ed.). *Intercultural and Interdisciplinary Studies: Pursuits in Higher Education*. Viçosa, M. G.: Arka, 2010. p. 13-34. Disponível em: https://www.academia.edu/43171422/Language_learning_in_an_immersion_context_The_points_of_view_of_the_participants_in_the_CAPES_FIPSE_Program. Acesso em: 05 jun. 2021.

HOBBSAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. (trad.) Leonidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional, Editora USP, 1972.

MENDES, Edleise. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem do ensino intercultural. In: MENDES, E.; CASTRO, M. L. S (Org.). **Saberes em Português: ensino e formação de docentes**. Campinas (SP): Pontes, 2008, p.57-77.

OLIVEIRA, Luis F. R; MARTINS, Dalton L. O Estado da Arte em Pesquisas Sobre Humanidades Digitais no Brasil. **PRACS**, Macapá, v.10, n.1, p. 9-20, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/2635/0>. Acesso em 28 jul. 2021.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

RODRIGUES, Olira. Contexto Digital. In: **Lira Lírica**. - Anápolis: Editora UEG, 2019. Disponível em: http://cdn.ueg.edu.br/source/editora_ueg/conteudo_compartilhado/11011/ebook_poesias_lira_lirica_2019.pdf. Acesso em: 28 out. 2021.

RODRIGUES, Olira. Conhecimento. In: **Afagos**. Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 2021. Disponível em: http://cdn.ueg.edu.br/source/observatorio_de_ideiasm_gestao_da_informacao_em_educacao_e_formacao_128/conteudo/11084/2021_AFAGOS_REVISAO_DA_AUTORA_2742021.pdf Acesso em: 28 out 2021.

RODRIGUES, Olira. Cultura. In: **Afagos**. Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 2021. Disponível em: http://cdn.ueg.edu.br/source/observatorio_de_ideiasm_gestao_da_informacao_em_educacao_e_formacao_128/conteudo/11084/2021_AFAGOS_REVISAO_DA_AUTORA_2742021.pdf Acesso em: 28 out 2021.

RODRIGUES, Olira. Bordado-vida. In: **Afagos**. Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 2021. Disponível em: http://cdn.ueg.edu.br/source/observatorio_de_ideiasm_gestao_da_informacao_em_educacao_e_formacao_128/conteudo/11084/2021_AFAGOS_REVISAO_DA_AUTORA_2742021.pdf Acesso em: 28 out 2021.

RODRIGUES, Olira. Tessituras. In: **Afagos**. Porto: Faculdade Letras da Universidade do Porto, 2021. Disponível em:

http://cdn.ueg.edu.br/source/observatorio_de_ideiasm_gestao_da_informacao_em_educacao_e_formacao_128/conteudo/11084/2021_AFAGOS_REVISAO_DA_AUTORA_2742021.pdf

Acesso em: 28 out 2021.

SANTAELLA, Lucia. O metabolismo digital das Humanidades. In ROCHA, Cleomar; NASCIMENTO, Hugo A. D. do; SOARES, Fabrizzio Alphonsus Alves de Melo Nunes Soares (org.). **Humanidades Digitais: performatividades na cultura digital**. [E-book], Goiânia: Cegraf UFG, 2021. p. 2 – 9. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/invencoes/livros/9/capitulos/c01.html>. Acesso em 09 jun. 2021.

SANT'ANA, Jonathas Vilas Boas de; SUANNO, João Henrique, SILVA, Barbra do Rosário Sabota. Educação 3.0, complexidade e transdisciplinaridade: um estudo teórico para além das tecnologias. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 6, n. 10. p. 160-184. Jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/1519>. Acesso em: 29 de jun. 2021.

SCHEYERL, Denise; BARROS, Kelly; SANTO, Diogo Nogueira do. A perspectiva intercultural para o ensino de línguas: propostas e desafios. **Estudos Linguísticos e Literários**, Inhumas, v.7 n.1, p. 145-174. Jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14816>. Acesso em: 9 de jun. 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Pelotas**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 6-39. Jan./ jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 25 jul. 2021.